



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE HISTÓRIA

ALDIENE LOPES DOS SANTOS

CARMELITAS: UMA INSTITUIÇÃO MEDIEVAL NA PARAÍBA.

CAMPINA GRANDE

2017

ALDIENE LOPES DOS SANTOS

CARMELITAS: UMA INSTITUIÇÃO MEDIEVAL NA PARAÍBA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História.

Área de concentração: História.

Orientador: Prof. Dr. Luíra Freire Monteiro.

CAMPINA GRANDE

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Aldiene Lopes dos.
Carmelitas: uma instituição medieval na Paraíba
[manuscrito] / Aldiene Lopes dos Santos. - 2017.
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Ordem Carmelita. 2. Capitania Paraibana. 3. Medievo.

21. ed. CDD 271.971

ALDIENE LOPES DOS SANTOS

CARMELITAS: UMA INSTITUIÇÃO MEDIEVAL NA PARAÍBA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História.

Área de concentração: História.

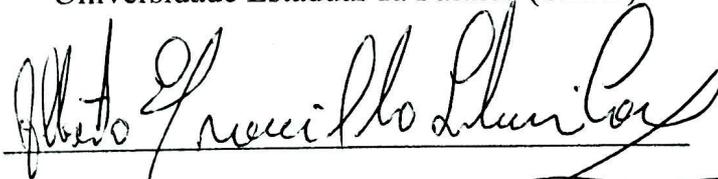
Aprovada em: 17/12/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luíra Freire Monteiro (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. MSc. Alberto Edvanildo Sobreira Coura

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. MSc. Thomas Bruno Oliveira

Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG)

À minha mãe, Maria José, pela dedicação e paciência.
Não mediu esforços para que eu pudesse levar meus
estudos adiante e chegar até esta etapa da minha vida,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Grata, ao criador do universo e de tudo que á nele, por sua Graça ter me alcançado. Por ter me dado força para superar as dificuldades, pois sem ele muitos de meus sonhos não seriam possíveis.

A toda equipe de professores do departamento de História da universidade Estadual da Paraíba e aos demais professores de outros departamentos que passaram pela escrita de minha jornada acadêmica ao longo desse percurso de mais de quatro anos.

À minha orientadora Dr. Luíra Freire pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e paciência comigo, por suas excelentes aulas de campo na qual me despertou para esta pesquisa.

A minha mãe Maria José, que tanto me incentivou e me deu apoio emocional e financeiro, que me compreendeu ao longo dessa jornada em minhas ausências familiares. Por ter acreditado em meu esforço e na minha eminente vitória. Por ter sido minha referencia de mulher e de paciência. Pelas conquistas em minha vida, nas quais me proporcionou através da educação que meu deu ao longo de minha existência.

Ao meu irmão Adilson por estar sempre a minha disposição quando precisei, a minha querida e amada avó, Antônia (*in memoriam*) que mesmo ausente fisicamente sinto que nunca me abandonou, e com seus ensinamentos me incentivou dando-me forças para nunca desistir de meus sonhos.

Aos meus amigos, cujos laços de amizade se fortaleceram ao longo dessa caminhada e aos que fiz durante o curso, sobretudo, a Maria Clebiana e Estefânia pelo apoio emocional e físico também, pelo companheirismo em me ouvir e compartilhamos lágrimas e sorrisos, por estarem ao meu lado quando me senti desanimada, pelas palavras de conforto e ânimo.

Aos demais familiares cujo nome não foi citado, porém eterna gratidão terei pelo incentivo e por ter contribuído mesmo que de forma indireta para a realização desta etapa de minha vida que se concretiza hoje.

“Quisera eu persuadir a todos a serem devotos deste glorioso Santo, pela grande experiência que tenho dos bens que alcança de Deus.”

(Santa Tereza de Jesus, **Livro da vida**, autobiografia, p. 20).

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a fundação da Ordem Carmelita, sua ação na província Paraibana, a princípio faremos uma análise do que se entende por medieval, Para refletirmos sobre essa questão trabalhamos a partir de HUIZINGA (1985) e LE GOFF (2015) principalmente. Essa discussão se faz necessário para compreendermos o contexto em que a Ordem da Bem Aventurada Virgem Maria surgiu, e suas características transferidas ao Novo mundo. Sua chegada e suas construções bem como seus hábitos. O modelo de vida Carmelita que ao chegar ao Novo Mundo implantou nesse território alvo da expansão da fé católica, sua simbologia que esta envolta de toda uma mística, principalmente o escapulário tão bem difundido na devoção Carmelita, como um símbolo de proteção da Santíssima Virgem aos membros da Ordem do Carmo, sinal das prerrogativas garantidas aos fieis do Carmo por fazerem uso do escapulário.

Palavras-Chave: Ordem Carmelita, Capitania Paraibana, Medieval.

ABSTRACT

The present work has the objective to analyse the foundation of the Carmelite Order, his action in the Capitania From Paraíba, to beginning we will do an analysis of what is understood by medieval period, we think about this question we work Pará from HUIZINGA (1985) and JACQUES LE GOFF (2015) mainly. This discussion is made necessary in order that we understand the context in which the Order of quite Risked Pure Maria appeared, and his characteristics transferred to the New world. His arrival and his constructions as well as his habits. The life model Carmelite who while reaching the New World introduced in this white territory of the expansion of the catholic faith, his simbologia that this one wrapped of the whole mystic, mainly the scapular so well spread in the devotion Carmelite, like a symbol of protection of Santíssima Virgem to the members of the Order of the Carmo, sign of the prerogatives guaranteed to the fieis of the Carmo since they did is used by me of the scapular.

Keywords: Carmelite Order, Capitania From Paraíba, Medievo.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
Parte I – Do Monte Carmelo para o mundo.	
1. Entendendo a Idade Média e o Medievo	9
2. A História dos Carmelitas – Uma revisão bibliográfica	13
3. A construção da América: A Ordem no Novo Mundo.....	16
Parte II – Na terra dos Potiguaras.	
1. Construindo o presente: a Ordem na Parahyba.....	19
2. Cultura e simbologia dos Carmelitas.....	23
3. Transições temporais.....	27
Considerações finais	29
Fontes.....	30
Referências	31
Anexos	33

INTRODUÇÃO.

Tendo em vista a influência que as instituições religiosas cristãs exercem sobre a sociedade e a relação das pessoas com o sagrado, interessa-nos conhecer no contexto do catolicismo colonial, a Ordem Carmelita. Nosso intento é de compreender sua origem enquanto instituição eclesiástica, fazendo uma análise de sua trajetória ao longo da História até os dias atuais para identificarmos as rupturas e continuidades institucionais. Buscamos, também, entender o processo de instalação da ordem na Paraíba e suas áreas de influências nesse novo território, alvo da expansão da fé católica.

O interesse de estudar os Carmelitas surgiu a partir de uma aula de campo. Ao observar sua iconografia e os ornamentos da construção barroca veio à ideia de pesquisar sobre a Ordem e entender como surgiu aquela instituição, ao ver alguns trabalhos acadêmicos sobre os Carmelitas constatou-se que temos lacunas que precisam de mais pesquisas a fim de responder questões ainda não desvendadas.

Compreender o Medievo e suas continuidades é fundamental para entender a relação da origem da Ordem Carmelita com os ideais de perfeição eremitica dos fins do século XIII e como esses ideais chegaram até hoje na Ordem Terceira. Para refletirmos sobre essa questão trabalhamos a partir de HUIZINGA (1985) e LE GOFF (2015) principalmente, visto que, diante do fazer historiográfico a partir da década de 1930, não compreendemos mais a Idade Média como idade das trevas, ideia que colocou esse período da história na obscuridade, disseminando ideias equivocadas, sobretudo com a literatura didática.

Para uma discussão da origem da Ordem Carmelita, nos apoiaremos nos escritos de HONOR (2008), COSTA (1967) e SAGGI (1975), abordaremos a origem remota e lendária dos irmãos Carmelitas. O trabalho se organiza em duas partes. Na primeira trataremos a formação da Ordem em seu viés histórico.

Na segunda parte enfocaremos a atuação dos missionários Carmelitas na Paraíba, seus objetivos ao chegarem ao novo mundo e suas influências nesse novo cenário que é a terra dos potiguaras, a expansão da Ordem ao difundir o novo modelo de fé trazida do além-mar para terras do domínio da coroa Portuguesa no Brasil. Para tanto, parte da pesquisa se deu com fontes primárias, coletadas no Arquivo Eclesiástico da arquidiocese da Paraíba.

Destarte, analisaremos as características da cultura Carmelita, identificando os elementos que a Ordem trouxe do Medievo para a capitania, e que fazem parte de seus rituais diários,

hábitos, cordões, sacários dentre outros elementos que se constituem como conservações do medievo tornando a Ordem uma instituição Medieval na Paraíba.

PARTE I

DO MONTE CARMELO PARA O MUNDO

1. ENTENDENDO A IDADE MÉDIA E O MEDIEVO

Por décadas se entendeu a Idade Média como sendo a idade da obscuridade, da peste, da fome, medo, idade das trevas. Preconceitos e estereótipos foram disseminados, sobretudo com o Positivismo do século XIX, que segundo a escola metódica só eles eram capazes de revelar a veracidade dos fatos, vistos como donos da verdade absoluta, onde o historiador deveria se manter neutro e narrar com fidelidade o fato descrito pelo documento. Paulo Miceli, diz que é muito difícil desconstruir essas ideias sobre esse período da História que foi jogado na escuridão “Mil anos de atraso e escuridão, quebrada apenas pelas velas dos mosteiros e palácios, onde gerações se sucederam somente para a chegada dos Tempos Modernos, quando tudo seria diferente” (MICELI, 1988, p. 11). Uma concepção equivocada da historiografia didática¹ acerca deste período da história, assim o que se entende por medievo?

De acordo com Miceli (1988), é difícil datar o início da Idade Média, uma vez que as grandes datas consagradas não são o mais importante de um acontecimento, mas esta é um conjunto de fenômenos que já vem ocorrendo anteriormente. Costuma-se adotar o século V d. C como o início desse período da História para fins didáticos. Sabendo que a historiografia é uma construção histórica que não está ausente do próprio presente do historiador, as periodizações são puramente didáticas e seus períodos não estão fixos em acontecimentos marcantes ou datas².

Concordo com Miceli (1988), ao dizer que para entendermos a Idade Média é preciso “começar desconfiando do que já se disse”. Huizinga, um contemporâneo de Marc Bloch e

¹ Sabendo que a literatura didática é um importante disseminador de conceitos historicamente construído, em sua leitura podemos perceber o referencial teórico-metodológico adotado, entretanto, em uma perspectiva tradicional, originária da concepção Positivista trazendo aos dias atuais pode-se chamar de uma História político-administrativa onde o passado é resgatado como verdade, na atualidade vem surgindo elementos como sugestões de atividade leitura de documentos, imagens e sugestões de filmes, mas ainda sem uma problematização do conteúdo o que permite que concepções equivocadas continuem sendo propagada. Não podemos ignorar o interesse mercadológico na produção e distribuição da literatura didática que por consequência seus conteúdos também não estão ausentes de interesses por parte de uma determinada classe social (AZEVEDO, Crislane; STAMATTO, Maria Inês, 2010).

² Se tratando de ensino de História e as datações, estas são necessárias, uma vez que não há ensino de História sem cronologia, no entanto, é preciso compreender que os eventos históricos não mudam repentinamente como faz pensar as datações, estas devem ser contextualizadas a fim de localizar o ser no tempo gerando uma compreensão histórica (AZEVEDO, Crislane; STAMATTO, Maria Inês, 2010).

Lucien Febvre, foi um dos primeiros a protestar contra essa abordagem acerca do medievo, ao lançar mão de novas proposituras para compreender a vida medieval. A partir da literatura, da arte e das crônicas, Huizinga, faz uma crítica à historiografia baseada apenas em documentos, alegando que o uso exclusivo desses negam o sentido original da vida cotidiana.

Desconfiando da veracidade das crônicas da época, o medievalista de hoje prefere se basear ao máximo em fontes oficiais e, com isso, corre às vezes o risco de cometer um erro grave. Os documentos têm pouco a dizer sobre o colorido que tanto distingue aqueles tempos dos nossos. Eles nos fazem esquecer o *pathos* vigoroso da vida medieval. Das paixões que colorem a vida medieval, os documentos em geral só conhecem duas: a cupidez e a violência (HUIZINGA, 1985, p. 19).

Considerar, o fim da Idade Média a partir das datações didáticas seria como jogar o período histórico em transições “mágicas”, distante de um processo gradual. A feudalidade vista por Huizinga, compreende mais que um período e sim uma forma de ver a vida de homens e mulheres em determinado tempo histórico. Suas práticas e tradições se estendem para além do século XV, adentrando os demais. A historiografia Positivista, por sua vez compreende o medievo somente a partir do ponto de vista político-econômico expresso em fontes escritas, reforça as concepções equivocadas fortemente disseminadas nos livros didáticos.

A própria pesquisa histórica se democratizou desde os dias do Romantismo. Mas mesmo quem está acostumado a considerar o fim do período medieval sob aspectos político-econômico, deve sempre notar que as próprias fontes, em especial as fontes narrativas, dão muito mais espaço à nobreza e seus negócios de que seria condizente com nossa imagem dessa época – o que de resto, não vale apenas para o fim da idade média, mas também para o século XVII. (HUIZINGA, 1985, p. 85).

Le Goff, ao analisar a obra do historiador holandês, observou que o mesmo “se sentiu embaraçado pelas periodizações imperativas correntes na pesquisa histórica. Os conceitos de Idade Média e de renascimento são para ele formas vazias” (LE GOFF, 2015, p. 218). Le Goff resgata Huizinga ao compreender o período Medieval como uma época longe das ideias obscuras atribuídas a este, ao lançar uma nova ótica sobre os homens e mulheres medievais, o historiador Francês percebeu a complexidade do medievo, que para ele foi um período de criatividade. Para tanto, ele investigou as relações cotidianas percebendo uma transição da hora da oração para a hora mecânica.

Marc Bloch, ao abordar os prolongamentos da feudalidade, alertou para o fato de que as práticas feudais se faziam presentes mesmo após o fim da Idade Média, em discursos de compromisso e fidelidade na França dos primeiros Bourbons comprova-se a prática diante do ocorrido em 1658, capitão Deslandes escreveu a Fouquete um autêntico juramento em linguagem feudal, fazendo ecoar as tradições feudais através dos tempos.

Depois dos meados do século XII, as sociedades europeias afastaram-se definitivamente do tipo feudal. No entanto, mero momento duma evolução continua no seio de agrupamentos dotados de memória, um sistema social não poderia morrer completamente nem numa só vez. A feudalidade teve os seus prolongamentos (BLOCH, 2009, p.512).

Desse modo, percebem-se as continuidades do Medievo na contemporaneidade, sobretudo, com relação a algumas instituições religiosas que surgiram nesse período e chegam a modernidade com heranças medievais, conservando seus hábitos e rituais, como praticas de orações em horas marcadas, diariamente e conservação de objetos de devoção. Características que por serem “genéricas” de grande parte das instituições religiosas passam despercebidas a critica de uma continuação de um ritual de determinada época histórica, sendo estas os prolongamentos a que Bloch (2009) se referiu. Para aquele autor, que investigava as mentalidades, estas só se modificavam com a longa duração.

Baschet (2007) por sua vez, foi mais enfático e defende uma Idade Média que se estendeu até o século XIX. Ao fazer uma análise do Novo Mundo, a partir da uma visão critica, nos desafia a repensar a visão tradicional de um medievo Europeu distante. Claro que o autor não se aventurou a afirmar uma Idade Média Americana; no entanto, ele mostra uma expansão da mentalidade Medieval através da colonização da América, uma vez ter detectado, no México fragmentos que mostram claramente as práticas Europeias feudais.

No que se refere ao papel da igreja colonial e ao da igreja feudal, as comparações são mais fáceis e observáveis, traçar uma lista de suas semelhanças seria quase que descrever a igreja feudal e transferir para a America colonial, riquezas materiais, imensidão de terras, estruturação interna do clero, o papel de atuação das ordens mendicantes, doutrinas e rituais, formas de evangelizar e pregar, as confissões como forma de controle social e a importância atribuída aos santos de devoção e as imagens (BASCHET, 2007).

Revelando uma ideia de longa Idade Média, característica de influência do historiador Jacques Le Goff, BACHET (2007) afirma que o medievo não se restringiu apenas a Europa, pois esta rompeu com a geografia e chegou à América colonial através das colonizações Ibéricas que trouxeram uma herança da mentalidade Medieval, para ele o cemitério no centro das aldeias e cidades é um elemento central da sociedade feudal. Para o medievalista Francês, o feudalismo se transforma sem negar a si mesmo, de modo a não nos surpreender em observar seus traços em novas roupagens em sua longa trajetória (BASCHET, 2007).

As organizações das aldeias indígenas, segundo Baschet, são amplamente constituídas da lógica Medieval. A relação dos mortos com o espaço dos vivos, a proximidade dos cemitérios no centro da aldeia, são elementos dos costumes feudais.

Para maior integração da dominação religiosa por parte das ordens missionárias vinda ao Novo Mundo, à igreja impôs transformações ao aderir elementos típicos da cultura indígena em seus rituais, adentrando no meio colonial com uma postura de hierarquia superior em combate às heresias dos nativos. Seu papel exercido neste novo território alvo da expansão da fé cristã foi amplamente característico de uma mentalidade feudal observado na Europa dos cruzados: o combate aos infiéis.

Destarte, a despeito do fazer historiográfico, sobre tudo na História das mentalidades com as múltiplas abordagens da historiografia, com a escola dos *Annales* (1929) e o dialogo interdisciplinar com a Sociologia, Psicologia e Antropologia, permitiram perceber as complexas redes e laços dinâmica do período Medieval. Ao lançar mão destas novas abordagens, historiadores e medievalistas têm reformulado conceitos e sob uma nova ótica, criticaram a Historiografia tradicional, formulando uma nova visão para a Idade Média.

Percebendo as continuidades do feudalismo como uma forma de vida dos homens e mulheres medievais, nas relações dinâmicas e complexas que os documentos escritos não podiam revelar, no entanto, a escrita da História possibilitada pela revolução historiográfica francesa dos *Annales*, permitiu observar os traços feudais que perpassam as transições temporais.

2. A HISTÓRIA DOS CARMELITAS – UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

“Porque o demônio, no deserto, esta em sua casa, mas o monge encontra também no deserto, de certo modo, o Deus que lá veio procurar” (JACQUES LE GOFF)³.

O deserto apresentado por Le Goff configura-se em uma metáfora sobre a vida dos mendicantes. O deserto-floresta que busca pela vida eremitica de simplicidade que desempenha um papel significativo no imaginário e no maravilhoso Medieval, com fortes influências nas grandes religiões euro-asiáticas: Judaísmo, Islamismo, Cristianismo. Podemos observar na narrativa bíblica sobre muitos personagens e suas trajetórias no deserto, o lugar onde o povo mantinha um encontro com Iavé, sobretudo no Antigo Testamento.

Le Goff apresenta o deserto do Antigo Testamento como um lugar de provações, onde os patriarcas iriam buscar um encontro com Iavé e lá era educado por seu deus. Já no Novo Testamento o lugar desértico sofre um deslocamento e se apresenta como um lugar de tentações mais do que o lugar de provas do Antigo Testamento; no mesmo momento em que o deserto serve de ambiente de Satanás para tentar Jesus, ele se apresenta também como lugar de refúgio para a solidão.

A busca pela salvação da alma através do isolamento no deserto talvez tenha sido uma das causas da criação da Ordem Carmelita no fim do século XII e início do século XIII, no monte Carmelo na Palestina. As narrativas bíblicas amplamente consumidas pelo imaginário Medieval criou um lugar de provações individuais para obter a elevação espiritual. Os grandes modelos de ideal desértico no Oriente do século IV vieram com os escritos de Atanásio, bispo de Alexandria, que escreveu a vida de Santo Antão e a vida de Pulo de Tebas, o primeiro eremita.

Entre os séculos XI ao XIII a adoração à virgem Maria teve um grande crescimento. Nesse período surgiu a devoção à mãe de Jesus de Maneira ampliada, o que chegou aos movimentos eremitas, que não ficaram de fora desse novo modo de fé que se difundiu. O catolicismo secular, incomodado com o crescimento das Ordens Mendicantes que inauguravam uma nova forma de vida religiosa, II Concílio de Lyon (1274), reconhece apenas

³ Deserto que se apresenta como metáfora constituindo um elemento do imaginário, o deserto pode ser uma caverna, montanha ou o mar onde os celtas procuravam seu deserto durante a Idade Média. (LE GOFF, 2015, p. 35).

quatro ordens religiosas “alem dos franciscanos e dos dominicanos, trata-se dos carmelitas, ordem fundada em 1247, e dos eremitas de Santo Agostinho, ordem criada em 1256” (BASCHET, 2006, p. 212).

Sabendo que a Ordem Carmelita surgiu no final do século XII e início do século XIII no monte Carmelo, na Palestina, seus primeiros membros viviam em uma época em que se difundia de maneira amplamente disseminada o culto à virgem Maria, os monges e leigos buscavam uma nova forma de vida religiosa, a mendicância era uma alternativa de viver de forma isolada e silenciosa no deserto, com intuito de encontrar a elevação espiritual, um verdadeiro encontro com Deus.

Desse modo, a Ordem dos irmãos Carmelitanos surgiu durante a Idade Média com influências de sua época, apesar de ter passado por mudanças e de culminar em separações é sabido que nenhuma instituição perde sua influência de origem do espaço em que surgiu ao passar para uma época mais “moderna”, existem continuidades que se estendem para além das periodizações.

A região onde surgiu a primeira capela dedicada ao culto à Nossa Senhora do Carmo, foi palco de um evento da mitologia cristã, que narra a batalha do profeta Elias contra os profetas de Baal, nesse lugar o evento, cercado pelo desafio de duas religiões, culminava com a prova cabal do deus mais poderoso que, invocado, lançaria fogo num altar erguido para esse fim. Elias invocava Iavé, demais clamavam pelo deus Baal⁴.

Em determinado tempo acreditou-se ser Elias o fundador da Ordem Carmelita, alegando os irmãos carmelitanos serem filhos legítimos do profeta. Porém, há diversas controvérsias em relação à origem exata dos Carmelitas, até porque os seguidores da Ordem Carmelita no século XIII não citam o nome de um fundador específico. Honor (2008) afirma que não é possível Elias ser o fundador da Ordem, pois há uma distância temporal de mais de 2000 anos separando o fundador de sua obra, o profeta teria vivido por volta do século IX a.C enquanto que a Ordem surgiu no século XIII d.C.

No entanto, Costa (1976) e Honor (2008) concordam que a fundação veio por parte de um cruzado chamado Bertold que, ao chegar às ruínas de mosteiro, quando os monges já haviam se dispersado, com graves ferimentos após uma batalha contra um infiel, o cruzado

⁴ Vale destacar que o evento mencionado se refere à batalha do profeta Elias contra os profetas de Baal que se encontra na Bíblia Sagrada. Salientamos que para as religiões cristãs este é um evento sagrado e digno de crédito. Não é intenção nossa refutar sua narrativa.

teria se juntado a monges e erguido o lugar, fundando a Ordem dos irmãos da Bem-Aventurada Maria do Monte Carmelo, como cumprimento da promessa à Maria para cura de seus ferimentos.

Tendo a Palestina como território de origem, os Carmelitas não ficaram limitados. Com as invasões dos sarracenos à Palestina os monges foram obrigados a migrarem, expandindo seu modo de vida e de fé pela Europa a partir do ano de 1235. Na Europa começa a profundidade da devoção Eliana da ordem, com a autorização de Inocêncio IV os mendicantes agora podem pedir esmolas, assim garante aos monges que se situem com os mendicantes.

A Reforma Teresiana teve início, no ramo feminino, com a fundação do mosteiro de São José em Ávila, no ano 1562. No ramo masculino, com a fundação do primeiro convento em Duruelo, em 1568. Esta reforma havia retomado às obras de Audet (prior geral de 1523 a dezembro de 1562) fez várias reformas no interior da Ordem com inspiração Medieval. Suas medidas foram bastante severas.

As reformas Teresiana buscavam uma restauração da vida de clausura e simplicidade dos mosteiros, principalmente na Ordem segunda⁵ que, depois de sua instalação no século XV, fortaleceu a formação de outros conventos, cujos princípios observados por seu instituidor Soreth⁶ deixaram de ser observados. De acordo com Saggi (s/d), em 1567 o prior geral Rossi, em encontro com Tereza de Ávila motivou-o a fundar tantos mosteiros femininos como os cabelos da cabeça. Enquanto que o ramo masculino previa a ajuda espiritual para as monjas descalças⁷, mais tarde com o fechamento dos conventos Andaluzeiros por ordem do capítulo geral de Piacenza em 1575, em relação aos conflitos internos da ordem, os descalços foram separados da província em junho de 1580.

⁵ As ordens religiosas de observância votiva e vida claustral, sob o regime de uma regra ou constituição particular, dividem-se em três classes ou ordens distintas: a primeira é a dos padres professos, de voto perpétuo, que vivem em comunidade claustral; a segunda a das freiras, com os mesmos votos, profissão e vida claustral; e a terceira é puramente laica e composta de homens e mulheres, casados, viúvos e solteiros, que não podendo fazer parte da primeira e da segunda, congregam-se em associação religiosa, trajando o mesmo hábito da ordem, e de conformidade com uma regra ou estatutos especiais, também fazem o seu ano de noviciado e solenemente professam. (COSTA, 1967, p. 143).

⁶ Juan Soreth, al concebir La institución de La orden segunda como una pieza de gran importância para su proyecto reformista, se empeñó en regularizar La situación y, para satisfacer las solicitudes de afiliación de diversas comunidades femininas, solicitó una autorización al Papa Nicolás V, quien accedió con La bula Cum Nulla Del 5 de octubre de 1452 (GALLIAN, s/a p. 35).

⁷ Além dos carmelitas da antiga observância, reformada depois segundo as novas constituições religiosas da província francesa de Turon, tivemos também os carmelitas descalços, mendicantes, denominados padres Terésios, ou marianos de santa Teresa (COSTA, 1976, p. 51).

3. A CONSTRUÇÃO DA AMÉRICA: A ORDEM NO NOVO MUNDO.

O Novo Mundo sem dúvida constituiu um dos territórios onde se projetou com grande força a imagem do demônio, onde satã havia fundado seu império, segundo a visão do colonizador Europeu. O imaginário Europeu medieval de monstros e canibais se refletiram no continente Americano, endemonizando as práticas e rituais dos índios. Souza (2002) ao citar Lery em uma descrição da cerimônia indígena, relata que esta mais se parecia com o sabbat das feiticeiras das feiticeiras, ritual que assombrava o imaginário da população Europeia seiscentista. No novo mundo o explorador missionário funcionava como funcionava do outro lado do atlântico o seu colega exorcista (SOUZA, 2002, p. 70).

Demonizado a figura indígena, as missões religiosas atuavam nesse território como os purificadores do caminho no qual o colonizador iria caminhar. A igreja estava encarregada de legitimar as ações cometidas pelo colonizador, o próprio poder real se antecipava à igreja na tarefa de conter as hostes do demo e converter o inferno em paraíso, mesmo que terrestre.

Anunciar o cristianismo aos quatro cantos do mundo era a tarefa crucial da Igreja e, aliada ao Estado, ela garantia fieis ao mesmo passo que conseguia legalizar a escravização do silvícola se apossou de territórios para a coroa. A América se constituiu o território alvo da expansão da fé católica, e se difundia a um povo mergulhado no pecado da soberba, preguiça, incesto, adoradores do demônio e canibais. As descrições desses nativos americanos, constantes nas cartas dos cronistas medievais, deixam clara a imagem que se construiu do nativo americano, como sendo animais outra humanidade sem civilização.

A catequese e as medidas “normalizadoras” das autoridades coloniais e dos dignitários da igreja, a ação do santo ofício somaram esforços no sentido de homogeneizar a humanidade inviável, animalesca, demoníaca do Brasil colonial. Cumpria corrigir o corpo do Brasil, afastar as populações do demônio e aproximá-las de cristo, amansando-as. (SOUZA 2002, P. 71).

Desse modo, percebemos que o papel da igreja foi crucial a expansão colonial bem como em sua atuação no novo mundo. Instrumento de poder político e de interesse econômico, as ordens religiosas exerceram um papel importantíssimo na legitimação das conquistas territoriais pela coroa Portuguesa. Durante todo o processo de colonização a ação dos soldados de cristo expressou um ideal metafísico, acreditando serem os escolhidos para salvar aquele “povo bárbaro” do fogo do inferno, e através destes as autoridades coloniais se utilizaram para atender seus interesses político-econômicos.

Com relação à chegada da ordem religiosa, objetos de nosso estudo, ao Novo Mundo embarcaram rumo ao Brasil, com permissão de Felipe II, os missionários Carmelitas Fr. Bernardo Pimentel, Fr. Antonio Pinheiro, Fr. Alberto de Santa Maria e Fr. Domingos Freire, chegando a Pernambuco em 1580, sendo Olinda casa central das missões, por sua antiguidade, onde começaram a propagação do evangelho e estenderam-se até a Parahyba (PRAT, 1941, p.29). O padre Fr. Pedro Vianna, em 1587 já nomeado, a vigário e confessor dos religiosos Carmelitas residentes no Brasil pelo confessor geral da ordem de Portugal. O vigário recém-nomeado, Fr. Pedro Vianna, requereu em Lisboa a Jorge de Albuquerque, donatário da capitania de Pernambuco, licenças para fundar na referida capitania conventos Carmelitas. Este recebeu a devida licença no mesmo ano e regressou ao Brasil chegando em 1588. Desse modo recebeu a capela de Santo Antonio e S. Gonçalo, junto a qual fundou o convento de Olinda constituindo-se no primeiro que teve a Ordem Carmelita no Brasil.

Até então os conventos existentes no Brasil estavam sob patente de Portugal. Em 1685 a vigaria do Brasil já constava com 13 conventos, sendo 6 na Diocese do Rio de Janeiro e outros 7 em Pernambuco e Bahia. Devido a distância das vigarias, às dificuldades de locomoção logo se ajuntaram a outras como perigos nas viagens, despesas e antipatias locais. Por esta causa a vigaria do Brasil foi dividida em duas vigarias por Fr. Ângelo M.: uma vigaria no Rio de Janeiro, que abrigava as já existentes na mesma diocese, e outra na Bahia, que compreendia os conventos da Bahia, Pernambuco e Parahyba, sendo aprovada por bula de Inocêncio XI em 1686. No ano seguinte cada uma já possuía seu vigário específico⁸.

Mesmo com a separação das vigárias do Brasil, ambas ficaram dependentes de Portugal. A vigaria Pernambucana, desejando seguir a mais estrita observância da vida claustral, abraçou a reforma Turonense⁹ na França. Sendo confirmado o aceite da reforma turônica por parte dos conventos de Pernambuco, em 1687, e oficializada em 1714 por Clemente XI, ocorreu nova separação destas vigarias, ficando agora os conventos de Goiana, Parahyba e hospício de Recife pertencente outra vez ao convento do Carmo de Olinda. Através da bula *sacrosanctum* em 1720 também através do papa Clemente XI houve a independência das vigarias do Brasil da obediência a Portugal.

⁸ Consoante as informações constadas no Jornal do Recife (1868).

⁹ Reforma Turônica é o nome que se dá aos frades carmelitas calçados seguidores da constituição da Estrita Observância que surgiu no século XVII no Convento de Turon na França. Desde a sua aprovação, os conventos podiam escolher qual constituição seguir, sem constituir congregação a parte: a Antiga Observância, adotada pelos conventos de Olinda e Salvador, e a Estrita Observância, adotada pelas casas da Paraíba, Recife e Goiana (HONOR, 2013, p. 62).

A Ordem Carmelita no Brasil estava em pleno desenvolvimento de suas atividades missionárias e com uma vasta expansão em territórios do Norte do Brasil colonial, quando, em 1755, o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas do Brasil. Isto fez com que as outras ordens tivessem também um enfraquecimento em suas ações missionárias. Posteriormente, durante o Império, quando D. Pedro II proibiu a abertura de novas casas e de receberem noviços¹⁰, fez com que as ordens fossem sendo arruinadas os Carmelitas quase ficaram extintos do Brasil, foram poucos monges que restaram em torno de 7 religiosos em 1780, desse modo divididos “Província do Rio de Janeiro: 3 Sacerdotes, Frei Inácio, Frei Muniz e Frei Manoel; Província da Baía: 2 Sacerdotes, Fr. Inocêncio e Fr. João; Província de Pernambuco: 2 Sacerdotes, Frei Alberto e Frei Augusto” (PRAT, 1942, p.91).

Os poucos missionários Carmelitas que restaram no Brasil foram aos poucos se reerguendo. Novos freis carmelitas vieram da Europa para auxílio destes na missão brasileira, o Revmo. Geral Carmelitano Frei Luiz Galli foi convocado para que fornecesse os religiosos para agirem junto dos irmãos do Brasil. Em 1894, chegou a Pernambuco o primeiro grupo de religiosos espanhóis chefiados pelo Revm. Padre dr. Frei Joaquim Guarch, onde foram recebidos com maiores demonstrações de regozijo pelos religiosos brasileiros de hábito; Frei Alberto de S. Augusto Cabral de Vasconcelos e Frei Augusto da Imaculada Conceição, pelo bispo Diocesano, clero, venerável Ordem Terceira (PRAT,1942 ,p.93).

De acordo com PRAT (1942) dentre as ordens religiosas estreitamente ligadas a formação histórica do Brasil, está a Ordem Carmelita, pois a mesma se difundiu de maneira ampla, e esta enraizada em todo o território do Brasil, dão prova disto todos os monumentos Carmelitanos existentes em territórios Brasileiros, igrejas, capelas e ermidas¹¹ sob invocação de santos Carmelitas.

¹⁰ O noviciado é uma fase da formação privilegiada e única na história de cada religiosidade. É o tempo e o lugar nos quais a candidata realiza a experiência de iniciação à vida na nossa Congregação. IN__ <http://carmelitasmissionarias.com.br/novo/noviciado/>

¹¹ Igreja é um templo, Capela é uma igreja de um só altar, particular, de uma instituição ou administração publica, pode estar localizada num povoado ou num bairro, sob jurisdição direta da Igreja-Matriz. Igreja-Matriz é uma Igreja com um altar-mor e altares menores, com jurisdição direta sobre outras igrejas da paróquia, mas sob jurisdição direta de uma Diocese. Ermida é uma igreja pequena, construída fora de um povoado, em lugar ermo e sob jurisdição direta de uma Igreja-Matriz. (CAVALCANTE, 1978, p. 115).

PARTE II

NA TERRA DOS POTIGUARAS

1. CONSTRUINDO O PRESENTE: A ORDEM NA PARAHYBA.

Sob patente do frade Frei João Cayado, provincial da Ordem de Nossa Senhora do Carmo em Portugal, lavrada no convento de Lisboa em 26 de janeiro de 1580 e autorizada a Frutuoso Barbosa, embarcaram com destino a Paraíba, com objetivo de fundar nesta região um convento sob a invocação de Nossa Senhora da Vitória, em sua companhia estavam presentes os quatro padres Carmelitas: Frei Domingos Freire, Frei Alberto de Santa Maria, Frei Bernardo Pimentel e Frei Antônio Pinheiro. Tratava-se da conquista da Paraíba. Porém acometidos por um imprevisto os religiosos foram obrigados a ficarem em Pernambuco (COSTA, 1976, p.153). A capitania da Paraíba foi conquistada pela égide da União Ibérica, pois Felipe II da Espanha era quem dominava Portugal.

Segundo Costa (1976) somente anos depois se verificou a fundação do convento sob invocação de Nossa Senhora do Carmo, contudo não se sabe exatamente o ano de sua construção, podendo estabelecer a mesma dentre os anos de 1612 a 1630, apesar de se verificar que a construção não foi totalmente acabada, pois a falta de recursos o impediu, devido as perseguições acometidas pelas invasões Holandesas. Somente após a restauração da capitania que a construção foi retomada, em 1764 estavam construídas somente a capela-mor, dois dormitórios e a portaria onde os padres realizavam as celebrações religiosas.

Com o padre Frei Manoel de Santa Teresa a frente do convento, pois foi eleito Prior, as construções tiveram maior adiantamento. Conforme as informações escritas por P. Lino do Monte Carmelo Luna *apud* COSTA, diz que, a obra foi concluída no ano de 1778, mesma época em que deixou seu cargo no dito convento.

Durante quinze anos que fruiu a autoridade de prior o P. Fr. Manoel de Santa Thereza, pôde reedificar, ou antes, fundar de novo a igreja do convento da Parahyba, em cuja obra empregou a maior solicitude possível: despendeu não pequena soma de dinheiro do governo, e o que pôde alcançar de seus pães favorecidos da fortuna: solicitou, e adquiriu grandes esmolas para adjutório da nova fundação, visto como os rendimentos do convento não comportavam as despesas enormes de uma obra ingente. Entretanto pôde concluí-las no ano de 1778: tempo em que deixou de ser prior (COSTA, 1976, p. 154).

O convento na Paraíba estava em ruínas, às invasões Holandesas obrigaram os padres Carmelitas a saírem da capitania grande partes da documentação da Ordem Carmelita foram destruídos, em momentos de euforia os monges enterram uma parte da documentação em

potes de barro, depois de encontrados estes já estavam ilegíveis impossibilitando sua recuperação.

Segundo Albuquerque (2005, p. 75) em 1591 os Carmelitas deram início ao convento da Paraíba, na margem setentrional da foz do Paraíba, construindo assim sua primeira aldeia com capela sob invocação de Nossa Senhora da Guia. Costa (1976) diz que, a invocação de Nossa Senhora da Guia seria para guiar os monges naquele território sempre com bom sucesso. Nessa aldeia ensinavam ofícios aos filhos dos índios, a ler e escrever, através das ações promovidas aos filhos foi conquistando seus pais os chamando ao convívio social, transformando-os em soldados mais que santos.

A capela de Nossa Senhora da Guia por volta dos anos 1693 foi doado ao convento do Carmo na Paraíba, sendo que posteriormente foi construído o hospício de Nossa Senhora da Guia. Porém de acordo com Costa (1976) em 1863 o dito hospício foi incorporado ao convento da cidade da Paraíba e cedida a Diocese, assim também lhe pertencendo à casa da Guia. Os seguintes bens patrimoniais pertencentes ao hospício da Guia, visto que, estes já se encontravam reduzidos.

Quatrocentas e dezoito braças de terra na praia de Santo Antônio, na testada do mar, correndo do Norte ao Sul para o sertão até dar no rio Salgado do Jacuípe, doadas por Domingos Gonçalves da Praia e sua mulher Catarina Barbosa, com a pensão de doze missas anuais por suas almas; trezentas e setenta braças de terra na testada das terras do hospício para o Norte e uma légua para o Poente, com casas de vivenda, doadas pela viúva Maria Soares à Senhora Sant'Ana do dito hospício, com a pensão de quinze missas anuais celebradas no altar da mesma Santa por várias tenções; uns chãos com seu quintal e paredes de pedra e cal na rua Nova da cidade, doados pela mesma viúva Maria Soares à dita Senhora Sant'Ana, sem pensão alguma; e na várzea de Jaguaribe, três quartos de légua nas terras chamadas Jiqui, com uma igreja de N.S. da Conceição, começada, no sítio da Volta, mil braças de terra pelo rio acima, com meia'légua para fora; e no riacho do Palhano duas léguas de terra, as primeiras que começam do Araré pelo referido riacho com meia légua de cada banda, em cujas terras estava situado um curral de gado para começo de uma fazenda de criação; propriedades estas legadas pelo capitão Domingos Tavares, com a obrigação do acabamento das obras de construção da referida capela de N. S. da Conceição, que deixara começadas (COSTA, 1976, p.180).

Os frades Carmelitas ao que tudo indica, recebiam doações de terras e bens como pagamentos de suas preces em favor da população, esses pagamentos teriam em algum momento feito os frades esquecerem sua missão espiritual ao agirem como “comerciantes” da fé? Tavares *apud* Albuquerque (2005, p.78) confirma que, no momento em que os monges Carmelitas trocaram o silêncio do claustro pelo arruído do foro foram esquecendo sua vida contemplativa e de sua missão apostólica.

De acordo com Albuquerque (2005) os carmelitas logo após a restauração da capitania os frades receberam varias doações para auxilio das obras e restabelecimento de seus conventos, mas nem todas foram feitas de espontânea vontade.

Os Terceiros na Paraíba no ano de 1725 já se encontravam instalados na referida capitania, e junto ao convento haviam construído sua igreja, através de um acordo e escritura publica com a comunidade. Segundo Mello (2005, p.46) o terreno para construção da capela dos Terceiros foi doado em 1717 pela Ordem primeira dos Carmelitas a Ordem Terceira, nesse momento aparece as primeiras menções a construção da igreja sob invocação de Santa Teresa de Jesus¹², bem como para o sepultamento de seus membros. O convento quando entregue ao bispo diocesano da Paraíba transformou-se em seminário provisoriamente, em 1905 o mesmo foi cedido pelo padre geral da Ordem para servir de colégio de educação para meninos pobres, mais tarde essa concessão foi ratificada pela Cúria Romana, ficando a igreja e o convento pertencendo a diocese da Paraíba, menos os bens materiais. Constituem-se Bens patrimoniais do convento do Carmo da Paraíba;

Cinquenta braças de terra em quadro junto ao rio Musurê (...) Meia légua de terra em quadro no rio Gramame.(...) Uma légua de terra na barra do mesmo rio.(...) Engenho na freguesia de Taipu. Tem este engenho duas léguas de terra, uma na nascença do rio Mumbaba e outra em caripiri.(...) Meia légua de terra, chamada curral da talha em Mamanguape.(...) Sete braças de terra atrás da cadeia da mesma cidade(...) Trinta braças de terra na rua da cadeia atrás da Misericórdia.(...) Trezentas braças de terras em comprido e cinquenta de largo, atrás do convento S. Francisco.(...) Um sítio de gado no Piancó.(...) Um sítio de gado chamado malha-doce, em Jaguaribe.(...) O sítio chamado riacho do sangue, em Jaguaribe com uma légua de terra.(...) Sítio Timbó, em Mamanguape, com meia légua de terra.(...) Uma légua de terra nas salinas do Cunhaú, no Rio Grande do Norte.(...) Quatro casas e seis solos na cidade e percebia uma cônica de 60\$000 anuais por particular concessão régia. (Livro de Tombo da casa capitular do Recife, 1764 *apud* Costa 1976, p. 155/156).

Diante das posses materiais que possuía o convento da Paraíba, percebe-se a expansão dos religiosos Carmelitas, nas áreas que lhe pertenciam. Visto que, muitos destes territórios e bens foram adquiridos por doação, testamentos como heranças por morte do doador, enquanto que outros por compra.

¹² Santa Teresa D'Ávila (1515-1582) é uma das mais importantes figuras femininas do período contrarreformista, tanto na Espanha, quanto em Portugal, e em demais continentes conquistados como América. Em vida, Teresa teve grande influencia dentro da igreja, aplicando na pratica ideal como reforma e mística espiritual. Com sua morte, seu modelo de santidade foi apoiado e divulgado por diversas ordens religiosas e repercutiu entre diferentes grupos sociais e em diversos locais do mundo católico. No Brasil colonial, seus escritos, sua imagem e história de sua vida foram divulgados principalmente em meio aos leigos e religiosos Carmelitas. Em 1622 foi proclamada Santa, o Papa Paulo VI em 1970 outorgou-lhe o titulo de doutora da Igreja (ALBUQUERQUE, 2017, p. 294; ORAZEM, 2011).

Constam ainda dos bens do dito convento, 12 escravos para os serviços domésticos, sendo que dois eram velhos e doentes, 32 escravos no engenho de Taipu entre moços e velhos, mais 16 no sertão (ALBUQUERQUE, 2005, p.89). Diante do exposto, podemos inferir que os religiosos Carmelitas eram ativos na economia açucareira Paraibana, uma vez que eram detentores de engenhos e escravos, certamente para manutenção dos engenhos, portanto não estavam ausentes das consequências causadas pelas crises econômicas que afetavam a província, verifica-se esse fato diante do exposto pelo Frei Manoel de Santa Teresa com suas dificuldades para prosseguir com as obras do dito convento Paraibano.

Cujas obras estavam paradas, devido dificuldades com os gastos e os rendimentos apresentados pelo convento, não eram suficientes para suprir suas necessidades com a reforma, sendo que o prior Manoel de Santa Teresa a frente do convento solicitou ajuda ao governo para término da referida restauração.

A atuação dos Carmelitas na Paraíba sofreu drástica mudança em meados do século XVII. A Reforma Turônica que chegou a Paraíba alterou o cenário das missões naquela capitania, segundo Honor (2011, p.37) os padres Carmelitas Turônicos tomaram a direção do convento e devido às reformas propostas por esta vertente da Ordem foi preciso expulsar o então vigário, para estabelecer as reformas necessárias no convento Paraibano.

Apesar de nunca terem formado uma congregação a parte com aprovação papal os Carmelitas Turônicos, agiram no Brasil colônia como se fossem. Estabelecidos na capitania Paraibana promoveram uma série de ações, assumiram a criação da Ordem Terceira do Carmo na Paraíba e reformas nos prédios conventuais (HONOR, 2011).

Aos poucos os religiosos presentes nessas localidades iriam modificando o cenário em sua volta, o espaço outrora que só conhecia selva estava passando a receber construções no estilo barroco, que até hoje se mantém como legado das missões religiosas que impetraram na capitania Paraibana. As principais heranças que podemos observar das ordens religiosas em terras Paraibanas, são os mosteiros e as belas igrejas barrocas, cada ordem deixou um legado histórico que se sobressai das demais e serve como um perfil cultural/social que destaca aquela Ordem (SANTOS, 2015, p.8).

Mello (2005, p. 31) resalta que a Ordem Terceira do Carmo e os Franciscanos sem dúvidas foram os maiores rivais, porém coube justamente a estas duas ordens as mais belas construções barrocas do século XVIII, no Período colonial.

Apesar das belas construções religiosas, templos e igrejas, deixadas pelas ordens missionárias que atuaram na Paraíba, Santos (2015, p. 12) acredita que, a principal contribuição das ordens para a Paraíba veio com o Concílio Vaticano II, quando os religiosos deixaram os conventos e igrejas para se empenharem nas comunidades pobres da Paraíba em combate as calamidades, endemias, desnutrição e injustiças sociais.

2. CULTURA E SIMBOLOGIA DOS CARMELITAS.

Os hábitos Carmelitas são tão lendários quanto sua história, com as diversas reformas que teve a Ordem em sua trajetória, seus hábitos e simbologias também foram sendo adaptadas a cada realidade social e temporal que se encontrava os religiosos. Cada elemento que compõe seu conjunto de simbologias tem uma ligação com sua trajetória histórica, quase sempre se relacionando com o sagrado.

Inspirados nas vestes do Profeta Elias, usavam os Carmelitas no início da fundação da Ordem, o hábito pardo com capa branca, invadida a Palestina os monges carmelitas deixam este hábito para usarem capelo ou murça branca. Em virtude de bula do papa Sixto V, esse hábito passou a ser preto, de lã tinta, provisoriamente, pois em 1620 voltaram as cores parda, grisia ou natural, os Carmelitas em Portugal e no Brasil faziam uso do hábito preto com murça e capa branca (COSTA, 1976, p.33). Os Terceiros Carmelitas da Paraíba fazem uso do pardo com capa branca, como podemos também observar este hábito na imagem que representa São João da Cruz. Presbítero e doutor da igreja, canonizado em 1726.

Fig. 1

São João da Cruz, do lado direito. Igreja Nossa Senhora do Carmo, João Pessoa – PB



Fonte: acervo da autora.

No conjunto de simbologias Carmelitas encontramos também seu escudo de armas, Costa (1976) diz que não é possível datar o início do uso desses escudos, porém, o mesmo se remete aos tempos medievais, pois na referida época já se encontrava menções aos escudos. Os elementos que compõe o escudo da Ordem dos Carmelitas calçados¹³, observamos; o monte, uma estrela no centro, mais duas estrelas sobre um campo branco, uma coroa Imperial com 12 estrelas acima desta e o braço do patriarca empunhando uma espada de fogo. Já os Carmelitas descalços fazem uso dos mesmos elementos, porém acrescenta uma cruz latina sobreposta ao escudo.

De acordo com Costa (1976, p. 34) todos os elementos desses brasões se remetem a um elemento da trajetória histórica da Ordem, onde as cores pardas ou griseo estão relacionadas ao monte Carmelo, primeiro domicílio da Ordem, a estrela do meio esta representando o Santo Elias instituidor da vida pura e observância da castidade, a parte branca representa a nuvem onde o patriarca viu emergir do mar com Nossa Senhora e dela se revelou Deus sua puríssima Conceição e ao lado do brasão com duas estrelas, estas representam as duas naturezas de Jesus, a divina e a humana, a coroa Imperial esta representando a Senhora Rainha do mundo e da também da Ordem Carmelita, as doze estrelas logo acima desta esta fazendo menção a coroa que o Evangelista São João viu no Apocalipse e por ultimo o braço do Patriarca da Ordem empunhando a espada figura o zelo com que defendeu a honra de Deus.

Fig. 2

Escudo dos Carmelitas calçados.



Fig. 3

Escudo dos Carmelitas descalços.



¹³ No final do século XVI a Ordem Carmelita foi dividida em duas províncias independentes: Os Carmelitas observantes ou calçados, cuja origem remete ao frade São Bertoldo em meados do século XI; e os Carmelitas descalços ou Teresianos, oriundos da Reforma proposta por Santa Tereza de Jesus, também conhecida como Santa Tereza de Ávila (HONOR, 2010, p.38).

Como parte de sua simbologia e devoção dos Carmelitas está o escapulário¹⁴ instituído por Simão Stock¹⁵ que, em momento de oração em seu quarto ao pedir um sinal de proteção a Nossa Senhora a mesma lhe entregou o escapulário dizendo “Isto é para ti e para os teus um privilegio. Aqueles que morrer com ele será salvo” (MENDONÇA, 2015). A autenticidade desta visão que o prior teve compreende-se no plano metafísico, uma vez que esta se encontra na tradição de devoção dos monjes Carmelitas, o uso deste objeto e símbolo, de zelo a Maria constitui-se em elemento essencial como prova de devoção e de observância aos princípios da Ordem, Mendonça (2015) afirma que deixar de usar o escapulário representava que o monge estava fugindo da Ordem.

As prerrogativas, concedidas por Maria do Monte Carmelo aos religiosos Carmelitas, podemos observar o registro deste acontecimento no painel de azulejaria da Igreja da Ordem Terceira do Carmo em João Pessoa – PB. Onde se encontra ilustrado a Virgem Maria retirando do Purgatório os fiéis que fazem uso do dito escapulário. Acredita-se que quando o fiel morre fazendo uso do escapulário no sábado seguinte de sua morte o mesmo será livrado do fogo do inferno.

Fig. 4

Almas do purgatório. Igreja Nossa Senhora do Carmo João Pessoa – PB.

Fonte: acervo da autora.



¹⁴ A palavra escapulário, do latim *escapulae* (ombros), designava o avental que os religiosos usavam na faina diária para protegerem o hábito. Tal avental transforma-se em uma miniatura de dois pedaços de pano unidos por um barbante, de modo que um fica no peito e outro nas costas para dar proteção maternal ao devoto. Simão Stock teria tido uma visão de Nossa Senhora lhe entregando o escapulário como símbolo de sua proteção a Ordem Carmelita, a partir de então se difundiu a devoção ao escapulário (MENDONÇA, 2015, p. 17).

¹⁵ Presbítero e confessor da Ordem, sua festa é celebrada em 16 de maio (ALBUQUERQUE, 2015, p. 125).

Segundo O'Donnell (2000, p. 103/104) o escapulário pertence a categoria de sinais e símbolos, onde seu primeiro simbolismo é as vestimentas, em segundo lugar ele é um sacramento da Igreja, não é meramente usando ele para adquirir as bênçãos, mas em conjunto com a igreja em uma vida contemplativa de oração e como afirma Pio XII ele é um sinal de consagração. O simbolismo do escapulário na vida dos Carmelitas, sempre figurou como a proteção de Maria aos membros da Ordem.

Por causa da Encarnação, simples objetos materiais podem ser apresentados como instrumentos da misericórdia de Deus e como sinais de nosso compromisso. - O Escapulário é um sinal do zelo maternal de Maria.- Ele também é um sinal do amor recíproco que deveríamos ter por Maria.- É um sinal de comunhão com a Ordem do Carmelo e de um desejo em participar em seu espírito e vida.- É um sinal da pureza da Virgem Maria e de nossa consagração a serviço da Virgem. - É uma renovação de nosso compromisso batismal de “revestir-se do Senhor Jesus Cristo” (Rm 13,14). - Sendo uma vestimenta, ele pode ser ilustrado por temas bíblicos relacionados a roupas e trajes. - Seu uso é um chamado para imitar e servir a Virgem e a viver por Cristo e sua Igreja no espírito contemplativo e apostólico do Carmelo (O'DONNELL, 2000, p. 107/108).

Desse modo, a devoção ao escapulário esta estritamente ligada à devoção mariana do Carmelo, mais que um símbolo seu uso é um compromisso ao qual o religioso ao utilizar está comprometido, a seguir e devotar sua vida a oração contemplativa.

As heranças da cultura carmelita percebem-se nos painéis de azulejaria, ao serem transferidos da Europa com suas simbologias e significados para serem implantados neste território Paraibano. Os painéis de azulejos ate o presente momento de autoria desconhecida, são como um grande livro de instruções imagéticas que narram fatos da historicidade da Ordem. Segundo Honor (2015) as ilustrações presentes nos painéis indicam a conduta em que os membros do Carmelo devem seguir.

É o caso da representação de Santa Teresa de Jesus, em um dos painéis onde Honor (2015) faz uma análise mostrando que cada elemento presente no painel está transmitindo uma mensagem aos fieis, no entanto, as interpretações acerca desta imagem são subjetivas, pois se supõem que a mulher ajoelhada é Santa Teresa D'Ávila, onde Elias e Nossa Senhora do Carmo estão sobre a nuvem.

Fig. 5

Santa Teresa de Jesus. Igreja de Nossa Senhora do Carmo em João Pessoa – PB.

Fonte: acervo da autora.



Estes são alguns dos painéis presentes na Igreja do Carmo de João Pessoa – PB. As simbologias presentes em sua construção estão envolvidas a uma mística que visa proporcionar aos fieis, um mundo alegórico, cheio de instruções que apontam para a conduta na qual ele deve seguir. Verdadeiras expressões do barroco na América, que demonstram uma preocupação dos religiosos em relação à estética das construções dos templos e igrejas.

3. TRANSIÇÕES TEMPORAIS.

As transições temporais pela qual passou a Ordem do Carmo, não fizeram esta se esquecer de seus hábitos e rigorosidades de admissão de noviços e também com os membros de sua ordem. Sendo que no Estatuto da Ordem Terceira do Carmo da Cidade de João Pessoa – Paraíba, em seu artigo 8º deixa claro que ao ingressar na Ordem o noviço deve providenciar seu hábito com a Capa Branca.

O uso da capa branca vem desde o começo das missões Carmelitas no Brasil, quando em Portugal os religiosos também já utilizavam deste mesmo hábito. Na vida espiritual o ato de orar sem cessar está presente na vida dos religiosos e também prevista na regra da Ordem, onde o momento de oração seria o momento em que o religioso Carmelita esta em silêncio em vida contemplativa de adoração. Os leigos Carmelitas, segundo a tradição do Carmelo, cultivam em supremo grau a oração nas suas varias formas: a oração mental, a oração espiritual e demais práticas tradicionais (ALBUQUERQUE, MELLO, SILVA, 2005, p.195).

Os sacramentos, a liturgia das horas, as orações, a observância das práticas tradicionais a Ordem, sua organização interna de maneira hierarquizada, todos estes elementos fazem parte das conservações de mais de 300 anos que a Ordem Carmelita guarda em sua História presente na Paraíba.

Todos esses ritos representam uma transição na vida dos religiosos ao aderirem a Ordem, como membros dela passam a ser submetidos aos limites temporais, se comprometendo a seguir seu estatuto, como também se distinguem dos demais na sociedade, pois os símbolos característicos da religiosidade na qual eles fazem uso confere ao mesmo um status perante a sociedade.

O escapulário é um sinal do zelo da Virgem Santíssima a Ordem como também ele une a si a noção de consagração ao sagrado coração da Virgem Imaculada, não podemos negar sua existência e conservação nessa longa trajetória da História da Ordem, embora seu modelo tenha sido modificado seu significado e devoção continua tão firme quanto no passado.

Nesse longo processo de transformações que ocorreram na Ordem do Carmo, tiveram suas consequências e também suas importâncias, pois a Ordem soube se adequar a cada realidade social de cada época para sobrevivência da própria Instituição, diante das várias dificuldades que teve de enfrentar em sua trajetória de instalação no Novo Mundo.

Mesmo assim encontra-se com seus hábitos e devoções da primeira essência da Ordem Carmelita, que neste território Paraibano se instalou e fundou sua Instituição Religiosa, cuja origem se remete aos tempos medievais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A colonização do Rio Paraíba não foi tarefa tão fácil uma vez que as expedições com o intuito de conquistar a Paraíba no século XVI fracassaram (HONOR, 2009). Sendo desse modo a conquista da Paraíba e derrota dos Potiguaras foram confiadas a Frutuoso Barbosa, que em sua esquadra trazia junto quatro frades Carmelitas para fundarem conventos na Paraíba. O presente trabalho em sua segunda parte compreende a ação Carmelita na Capitania Paraibana, com seus hábitos e simbologias que refletem em seu modo de vida religiosa.

A compreensão do que se entende por Medievo na atualidade é fundamental para analisar a historicidade da Ordem Carmelita, compreendendo suas práticas e ritos. Salientamos que diante do fazer historiográfico hoje, não se compreende o Medievo a partir de uma única visão aquela construída historicamente pela literatura didática, mas sob a luz de novas abordagens percebemos sua complexidade.

A atuação Carmelita na Capitania Paraibana ainda é carente de fontes, as pesquisas nesse campo encontram bastantes dificuldades, pois se encontram muitas lacunas na Historiografia Carmelita na Paraíba. Os trabalhos acadêmicos nesta área visam contribuir com as pesquisas historiográficas da Ordem Carmelita e sua atuação na Província Paraibana.

A pesquisa nessa área tem relevância para a historiografia local, no sentido de que contribui para futuras pesquisas sobre a temática dos Carmelitas na Paraíba.

FONTES

ALBUQUERQUE, Marcos Cavalcanti. Documentos históricos dos carmelitas IN: **___ História da Ordem Terceira do Carmo da Paraíba, 300 anos**. João Pessoa – Paraíba; 2005.

ALBUQUERQUE, Marcos Cavalcanti. **Hagiológico dos santos carmelitas**, 2 edição; João Pessoa; 2015.

COSTA, F. A. Pereira da. **A Ordem Carmelita em Pernambuco**. Edição do arquivo público estadual da secretaria da justiça; Recife, 1976.

HONOR, Andre Cabral. **Catálogo de azulejaria da igreja do Carmo**, João Pessoa – Paraíba, 1 ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço 2015.

JORNAL A Imprensa, João Pessoa, 11 de dezembro de 1948: A História do Carmo na Paraíba. Fr. Sebastião, o. c. **Arquivo eclesiástico da arquidiocese da Paraíba**, João Pessoa.

JORNAL do Recife, **Ordens regulares e congregações religiosas Carmelitas**. Sábado, 7 de novembro de 1868, n. 258.

MELLO, Virginia Pernambucano de. Ordem tricentenária (19/03/1706 – 19/03/2006). IN: **___ História da Ordem Terceira do Carmo da Paraíba, 300 anos**. João Pessoa – Paraíba; 2005.

PRAT, Fr. Andre, o. c. **Notas históricas sobre as missões carmelitanas no extremo Norte do Brasil (séculos XVII e XVIII)**. Digitalização: Wilmar Santin. Apêndice, Recife, 1942.

PRAT, Fr. Andre, o. c. **Notas históricas sobre as missões carmelitanas no extremo Norte do Brasil (séculos XVII e XVIII)**. Digitalização: Wilmar Santin. Recife, 1941.

SILVA, Rita de Cássia Alves Ramalho. Os guardiões – priores e prioras da ordem terceira do Carmo. IN **___ História da Ordem Terceira do Carmo da Paraíba, 300 anos**. João Pessoa – Paraíba; 2005.

REFERÊNCIAS

- BASCHE, Jérôme. **A Civilização Feudal: Do ano 1000 à colonização da América**. Tradução: Marcelo Rede; prefácio Jacques Le Goff. São Paulo; Globo, 2006.
- BLOCH, Marc. **A sociedade Feudal**, lugar da história, São Paulo; 2009 edições 70.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. **A ordem carmelita**, Belo Horizonte, n. 24, 2011, p. 54-61.
- CAVALCANTE, Francisco Tarcisio. **Tentativa de estruturação de um léxico de Igreja (análise semântica de Lexemas referentes a Templos Cristãos)**, Ver. De Letras, Fortaleza, Vol.1, Nº 2, p. 115 – 130. 1978.
- GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. Las carmelitas descalzas em Brasil. IN: ___ **Santa Teresa D'Ávila em Brasil**, embajada de españa sociedade cultural Brasil – Espanha; Rio de Janeiro, 2015.
- HONOR, André Cabral. **Do monte Carmo a Parahyba: a presença da cultura carmelita na cidade de João Pessoa**, XIII encontro de História, Anpuh – Rio.
- HONOR, André Cabral. **O Verbo mais que Perfeito: Uma análise Alegórica da cultura Histórica Carmelita na Paraíba Colonial**. 2009. 199 f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB. 2009.
- HUIZINGA, Johan. **O declínio da idade média**, ed. Ulisseia. 1985.
- HUIZINGA, Johan. **O outono da idade média, estudos sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos países baixos**. Tradução; Francis Petra Janssen, Cosacnaify.
- LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Tradução: Jaime A. Clasen; Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**, ed. Presença; 1989.
- LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval**, ed. 70; janeiro, 2015.
- MENDONÇA, Nívea Maria Leite. **Entre a hierarquia e a devoção: a dinâmica interna e o relacionamento dos Terceiros com a Ordem Carmelitas em Minas Gerais (1747 – 1808)**. Dissertação de Mestrado; Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.
- MICELI, Paulo. O Feudalismo IN: ___. PINSKY, Jaime. **Discutindo a História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.
- O'DONNELL, Christopher. O Carm. **Uma presença Amorosa: Maria e o Carmelo**, comunicações Carmelitas, Melbourne Austrália. 2000.
- ORAZEM, Roberta Bacellar. Um Importante modelo de santidade feminino contrarreformista: Santa Tereza D'Ávila e sua representação nas igrejas de associações de

leigos Carmelitas em Sergipe e Bahia colonial. IN___ **Revista Brasileira de História das religiões**. Maringá (PR) v. III n. 9, jan/2011.

PORTUGAL, Ana Raquel. **Feitiçaria, bruxaria e o pacto demoníaco**, 2015, p.137 – 153.

SAGGI, Ludovico, O Carm. **História dos Carmelitas**. Tradução: SANTIN, Wilmar. S/D.

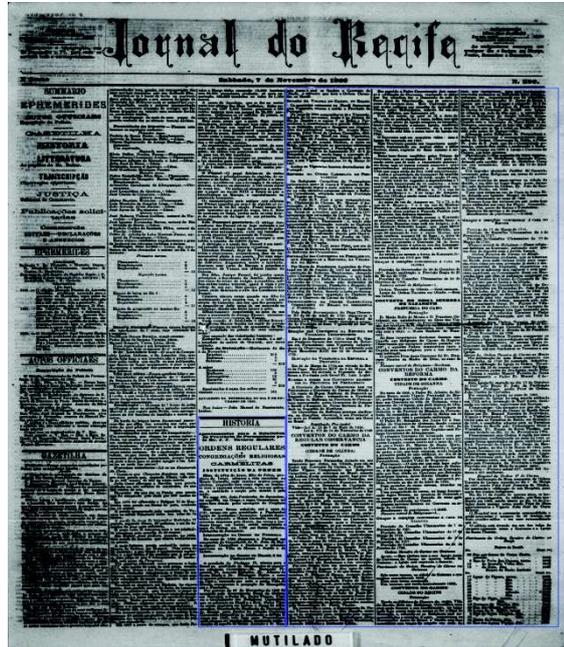
SANTOS, Juvandi de Souza. **O legado missionário da Paraíba colonial**. IN_____. Revista Tarairiú; Campina Grande – PB, ano VI, vol. 1, n. 9, 2015.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**, São Paulo: companhia das letras, 1986.

HONOR, Andre Cabral. O verbo mais que perfeito: Cultura histórica e Azulejaria Portuguesa Setecentista no convento Nossa Senhora do Carmo na Paraíba. IN___ **OLIVEIRA, Carla Mary S. Iconografia e História: Artesãos, Artífices, Artistas e o Brasil (séculos XVIII e XIX)**. Volume 18, n. 1, UFPB (Brasil), 2010, p.37 – 59.

ANEXOS

ANEXO. 1: Jornal do Recife. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>



ANEXO. 2: A Imprensa. Disponível em: Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba, João Pessoa – PB.

